

# De volta da longa viagem

O presidente Fernando Henrique Cardoso, ao mergulhar hoje, de volta de sua longa viagem ao Exterior, na crise política gerada pela divulgação do conteúdo da famosa *Pasta Rosa* e inteirar-se detalhadamente do problemão que virou o Projeto Sivam, deverá, antes de mais nada, reconhecer o erro que cometeu ao ausentar-se do País por um período tão longo — foram 11 dias entre a China, Macau, Malásia e Espanha — deixando pendentos aqui dois problemas agudos.

Quando viajou, nem o caso Sivam nem o dos investimentos eleitorais do Banco Econômico tinham as proporções que exibem hoje. Ele acreditava que, na sua ausência, os dois casos perderiam força e importância. Não foi o que aconteceu, porém, como aliás era fácil de prever, considerando-se que, desde que assumiu o governo, Fernando Henrique fez questão de resolver pessoalmente todos os problemas políticos do seu governo. Por isso, sempre que viaja, a atividade administrativa do governo, evidentemente, não se altera, mas fica-se com a impressão de que o governo entrou em recesso político. Não há ninguém que substitua o presidente nas negociações com a sua base política, particularmente numa situação como a atual em que a crise política é criada pelo partido do vice-presidente.

Por isso, o problema da *Pasta Rosa* transformou-se, em 11 dias, na mais grave crise política até agora enfrentada pelo governo.

O problema do Sivam poderá ser resolvido facilmente pelo presidente, uma vez que na sua ausência surgiram evidências de irregularidades na escolha dos executores do projeto que justificam a suspensão do contrato com a Raytheon e a abertura de uma nova concorrência pública. Com uma decisão como essa, o presidente salva-

rá sua face sem maiores conseqüências, a não ser o descontentamento na área da Aeronáutica e algum entrevero diplomático com o governo de Washington.

A crise da *Pasta Rosa*, contudo, deixará, fatalmente, seqüelas muito incômodas para o governo. O senador Antônio Carlos Magalhães, o deputado Luiz Eduardo Magalhães e seus liderados baianos, numa manobra claramente diversionista, tentando esconder o fato de que foram flagrados num grave deslize ético, estão querendo transformar o Banco Central no único vilão da história. E estão exigindo, para manter o apoio do PFL ao governo, que o presidente lhes dê a cabeça de algum diretor da instituição, de preferência a de seu próprio presidente, com quem têm diferenças desde a intervenção do BC no Econômico.

Fernando Henrique depende desse apoio para poder tocar as reformas constitucionais e não pode se dar ao luxo de brigar com o PFL agora. Mas também não pode, de forma alguma, ceder a uma pressão política que tem todas as características de chantagem. Qualquer punição, nesse momento, no BC, será um sinal de que o governo aceita ingerências políticas num órgão eminentemente técnico, no *guardião da moeda*. O que teria péssima repercussão, principalmente no Exterior, onde os bancos centrais são considerados politicamente intocáveis, e abalaria a confiança no Plano Real.

Em parte por sua própria culpa — deveria ter adiado a viagem ao Exterior —, o presidente está naquela situação de “se ficar o bicho come se correr o bicho pega”. Fernando Henrique vai ter de exercitar toda a sua conhecida habilidade de negociador político para não perder o apoio do PFL e, ao mesmo tempo, não desmoralizar o Banco Central.